



Universidades Lusíada

Saraiva, Filipa da Silva Correia, 1987-

Os lugares habitados : o sítio e o pensamento projectual

<http://hdl.handle.net/11067/1608>

Metadados

Data de Publicação	2015-09-10
Resumo	O intuito do presente trabalho nasce de uma vontade de assimilar os meandros do sítio na arquitectura e no pensamento que dela provém. Os resultados obtidos ao longo das últimas décadas do século passado em diante evidenciam, claramente, que depois do modernismo temos vindo a testemunhar um retorno a um pensamento orientado em função do homem e do meio. Privilegiando a operatividade do sítio no desenvolvimento do processo projectual, a criação de lugares assume-se na génese de inúmeras obras. O ...
Palavras Chave	Lugar (Filosofia) na arquitectura, Lugar (Filosofia), Arquitectura de habitação, Projecto de arquitectura
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 5 (1.º semestre 2014)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-02T22:31:23Z com informação proveniente do Repositório

LUGARES HABITADOS: O SÍTIO E O PENSAMENTO PROJECTUAL

Filipa da Silva Correia Saraiva
filipascs@gmail.com

RESUMO

O intuito do presente trabalho nasce de uma vontade de assimilar os meandros do sítio na arquitectura e no pensamento que dela provém. Os resultados obtidos ao longo das últimas décadas do século passado em diante evidenciam, claramente, que depois do modernismo temos vindo a testemunhar um retorno a um pensamento orientado em função do homem e do meio. Privilegiando a operatividade do sítio no desenvolvimento do processo projectual, a criação de lugares assume-se na génese de inúmeras obras. O arquitecto investiga-o, apreende-o e retém a sua essência. Recorrendo à matéria que dele extrai, aplica-a, em conjunto com programa e função, na génese de uma arquitectura contextual capaz de responder às especificidades que o entorno lhe coloca, o que permite que sejam estabelecidos os princípios que ditam a operatividade do sítio enquanto instrumento projectual.

PALAVRAS-CHAVE

Sítio; lugar; habitar; transformação; integração.

ABSTRACT

The intention of the dissertation is to demonstrate the desire to grasp the intricacy of the concept of site in architecture, also the reasoning stemming from it. The results obtained in the course of the last decades of the past century onwards pointedly reveal that since the era of modernism we have witnessed a return to a way of thinking far more oriented towards man and the environment. Prioritising the operability of site in the design process, numerous works of architecture reflect the creation of a place as the basis behind their origins. The architect is entrusted with the responsibility to investigate, to seize and to retain its essence. Using the matter drawn from the site, the architect further applies it, together with programme and function, in the conception of a contextual architecture. One which is capable of responding to the specific qualities the surroundings posit.

KEY-WORDS

Site; place; dwelling; transformation; integration.

INTRODUÇÃO

“[...] a ideia está no ‘sítio’, mais do que na cabeça de cada um, para quem souber ver, e por isso pode e deve surgir ao primeiro olhar; outros olhares dele e de outros se irão sobrepondo, e o que nasce simples e linear se vai tornando complexo e próximo do real – verdadeiramente simples.” (Siza Vieira; Muro Soler, 1996, p.17)

Habitar. Vocábulo que designa o acto de se estabelecer num determinado sítio, sinónimo de viver, da nossa existência no mundo. Acto essencial ao ser humano desde as suas origens. Habitar um lugar. Elegir um lugar num território, imaginar habitá-lo e a vida nele admissível, e

aí construir física e simbolicamente, partindo dos elementos que o constituem. A arquitectura nasce desta necessidade intrínseca ao ser humano. A arquitectura é a construção física representativa do habitar do homem. O sítio é assim a fundação da ideia, a constatação material e física da apropriação humana da qual decorre o seu habitar. É inconcebível pensar em arquitectura sem pensar em sítio, pois nele ganha corpo e presença, dele parte e dele sobrevive.

O crescente envolvimento do homem no pensamento arquitectónico, combinado com o crescente organicismo da arquitectura, foram paradigmas fundamentais para o repensar das mentalidades que subjugarão o racionalismo que regeu o espírito do início do século passado. Mais tarde, considerado como infrutífero neste sentido, a arquitectura virou costas ao espírito modernista, abraçando novas formulações mais abrangentes, que se debateram com a concretização do pluralismo que conquistou as mentalidades do pós-guerra. O papel social da arquitectura foi valorizado, na tentativa de solucionar os problemas que infligiram o panorama da época, dotando a arquitectura de uma vertente mais humanista e focada na problemática da sua inserção física no meio, perante a descaracterização advinda dos efeitos do pensamento tecnologicamente vocacionado, predominante até então.

Na continuação dos desenvolvimentos teóricos associados ao sítio, da articulação entre arte e arquitectura, diversas são as manifestações contextuais que admitem o mesmo padrão, comprovando que, invariavelmente, a arte e a arquitectura coabitam em sintonia, apoderando-se de conceitos e matérias similares operantes nos processos e resultados que sugerem. Da multidisciplinaridade da arquitectura, no entanto, dentro do conceito assente na revalorização do homem na sociedade, os contributos consagrados pela filosofia respeitantes à definição epistemológica do habitar humano e, consequentemente do sítio, confrontam o pensamento projectual com a problemática associada ao retorno das questões referentes ao homem e ao meio que a arquitectura, enquanto produto da actividade e necessidade humana e cenário no qual a sua vida decorre, deve reintegrar no processo.

Por conseguinte, este é, verdadeiramente, um importante modelo que propicia novos atributos e formulações para a produção arquitectónica contemporânea, nomeadamente a partir da segunda metade do século precedente em diante.

É fundamental, acima de tudo, através do presente estudo, o entendimento do sítio enquanto conceito, matéria e instrumento de projecto, olhado pelas diferentes áreas que o estudam.

O LUGAR E O MODERNISMO

O Estilo Internacional¹ foi, para os responsáveis pela sua génese, uma arquitectura para todos os homens, em todos os países, de todas as formas possíveis, no qual as distâncias haviam diminuído, um mundo mais pequeno e global do que nunca antes visto.

Instituiu uma arquitectura que, invariavelmente, seguia os mesmos princípios formais e construtivos, formados à luz dos valores da cultura ocidental, exportando-os, de igual forma, para os quatro cantos do mundo em “lugares tão díspares” (Roth, 1993, p.524) “onde surgiram arranha-céus de vidro no meio das areias do deserto” (Ibid. loc. cit.). Assim, a “sua fé cega na tecnologia” (Ibid. p.525) é responsável pela despreocupação evidente dos arquitectos de meados do século perante a relação do edifício com o seu contexto climático ou ambiental (Ibid. loc. cit.).

¹ Termo cunhado por Henry-Russell Hitchcock e Philip Johnson em *The International Style*, onde são identificados os princípios e características do modernismo.

Esta elevação modernista é clara no discurso dos seus partidários, revelador de uma *objectificação* da arquitectura, carente de adequação às condicionantes climáticas e sociais do lugar: Le Corbusier², que tem como lema “um edifício para todas as nações e todos os climas” (Ibid. p.524), e Walter Gropius³ que, por sua vez, vai mais além, afirma que as necessidades de vida são as mesmas em e para quase todo o mundo (Ibid. loc. cit.).

O SÍTIO E A ARQUITECTURA

O paradigma, porém, mudou: o espaço por si só não é suficiente para definir arquitectura. A arquitectura transcende a geometria (Holl, 1996, p.15). Esta alteração do pensamento arquitectónico promove uma ligação evidente entre diversos elementos que a condicionam: os mecanismos heurísticos que qualquer arquitecto deve possuir na execução de um projecto. Segundo Steven Holl⁴, os mecanismos heurísticos têm a capacidade de unir elementos arquitectónicos díspares num grande todo, e ao mesmo tempo devem ser livres e abertos o suficiente para permitir desenvolvimento funcional arquitectónico. (Ibid. loc. cit)

É deste modo que o sítio ressurge em arquitectura. A arquitectura *per si* é o resultado deste “entrelaçamento do seu sítio, dos seus fenómenos, da sua ideia” (Ibid. loc. cit.), transportando consigo uma infinidade de elementos que lhe conferem significado. Em simultâneo, enfatiza-se também a forte relação que se estabelece entre o homem e o sítio, estruturante de todo o processo arquitectónico. A arquitectura, sendo feita para e em função do homem, não existe sem sítio nem lugar.



A palavra *sítio* diferencia-se da palavra *lugar* (Raquejo, 2008, p.71), não raras vezes usadas como sinónimos uma da outra: pressupõe um espaço onde uma ordem prévia foi estabelecida, razão pela qual é portanto mais determinado e definido que o lugar, de sentido mais directo com a envolvente. É por este motivo que, para melhor compreender a diferença na definição de ambos, se afirma que o *lugar se constitui*, enquanto o *sítio se ocupa*, por via da arquitectura, ou até mesmo de intervenções de cariz artístico.

Por conseguinte, poder-se-á afirmar que, em linhas gerais, o sítio é a base da arquitectura, a paisagem alvo de estudo prévio do projecto, que a arquitectura, enquanto elemento transformador por excelência, converte em lugar.

2 Le Corbusier (1887-1965), arquitecto de origem suíça que deixou os seus contributos para a formulação de uma nova linguagem arquitectónica. Criador do *Modulor*, sistema de proporções desenvolvido a partir da *secção de ouro*. Considerado um dos pais do movimento moderno em arquitectura e, por muitos, como o mais importante arquitecto do século XX.

3 Walter Gropius (1883-1969), arquitecto alemão, foi o fundador da Bauhaus e é, ao lado de Le Corbusier, tido como um dos pioneiros do Movimento Moderno arquitectónico.

4 Steven Holl (n. 1947) é um arquitecto norte-americano formado. Exerce uma abordagem fenomenológica à arquitectura, que trata o envolvimento corporal e existencialista do homem com a envolvente. É autor do Museu de Arte Contemporânea de Helsínquia “Kiasma” (1998), Linked Hybrid (2009), Pequim, etc. É também autor de obras escritas como *Anchoring* (1989), *Intertwining* (1996), *Parallax* (2000).

DO SÍTIO E DO PENSAMENTO PROJECTUAL

A arquitectura tem como desígnio converter um sítio onde se insere num lugar, no qual se desenvolverá (terá *lugar*) o habitar ao qual se propõe. O conceito de “arquitECTURA como lugar”, criadora de lugares para viver, “[...] é um constante e triplo encontro entre o meio exterior, nós mesmos e os demais, e cada lugar construído é uma síntese e um resultado desse triplo encontro” (Muntañola, 1974, p.55), uma vez que se apoia numa aproximação às realidades que o compõem.

Invariavelmente, o homem, no decorrer do seu habitar, fixa-se necessariamente num lugar (ou lugares) por ele construído. A arquitectura, enquanto materialização da ideia da construção para o habitar, cria lugares, e o habitar humano está, por sua vez, intimamente ligado à relação que o homem adquire com o lugar. Gera-se assim uma inquebrável sequência lógica, que une habitar, arquitectura e lugar.

Contudo, abolindo quaisquer tipos de pretensões ou de posições extremistas, a indissociabilidade do edifício e do sítio que ocupa não é território comum no seio de *toda* a arquitectura. Afirmar que é condição garantida à arquitectura e que todos os arquitectos se fundamentam na contextualização das suas obras é uma premissa errónea: nem toda a arquitectura (embora geradora de lugares) é – ou tem como intuito ser – inseparável do sítio, tendo vindo a manifestar-se inúmeros posicionamentos distintos sobre o modo através do qual a arquitectura se relaciona com o meio onde se insere e como com ele interage.

Se com o Modernismo se presenciou o desenvolvimento de uma doutrina exclusivamente guiada por princípios racionalistas, puramente formais e geométricos, a arquitectura assente numa noção de lugar é, claramente, norteada pelo aprofundamento da responsabilidade social da arquitectura, como resultado do ressurgimento do humanismo e do protagonismo que o homem desempenha, bem como de uma nova cultura organicista arquitectónica, opondo-se à insipiência anteriormente verificada.

A pertinência inabalável das teorias heideggerianas⁵, influentes no pensamento arquitectónico das últimas décadas concorreu fortemente para a alteração paradigmática verificada, análoga, cada vez mais, à condição humana. Enraíza-se, não apenas no papel preponderante do homem na arquitectura, mas num elo inquebrável que se estabelece entre obra e natureza, edifício e sítio: a ideia de uma arquitectura que constrói o lugar, descrita pela sua capacidade geradora de paisagem, vinculada ao sítio que ocupa.

Uma arquitectura vinculada tão profunda e intrinsecamente ao seu sítio que possibilita, evidentemente, conceber um sistema de ligações edifício-pré-existências (e contexto, inclusive) que permita a dissolução das próprias barreiras entre ambos, admitindo integração plena, potenciada sob o signo do propósito existencial da arquitectura, que ao transformar sítio em lugar, revela os significados nele presentes (Norberg-Schulz, 1980, p.18).

E porque a arquitectura materializa a realidade, dela jamais se poderá distanciar. A arquitectura, que será lugar, procura também o seu próprio lugar, integrando-se na realidade que ocupará em continuidade com o existente. Citando Zumthor⁶, “[...] para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira [...]”. A interessante metáfora que coloca é ilustrativa do modo como a arquitectura

⁵As teorias expostas pelo filósofo Martin Heidegger, referidas no anterior subcapítulo, assentam no habitar humano sobre a terra, desenvolvendo-se a partir daí, em obras como *Construir Habitar Pensar*.

⁶Peter Zumthor (n. 1943) é um arquitecto suíço, nascido na cidade de Basileia. Leccionou como professor convidado no Southern California Institute of Architecture, na Accademia di Architettura di Mendrisio, na Suíça e na Technische Universität de Munique. Premiado com o Prémio Pritzker, é autor de vários projectos, como a Capela de S. Benedito, em Sumvigt (1989), as Termas de Vals (1996), a Kunsthau em Bregenz, Áustria (1997) e o Museu Kolumba, em Colónia, na Alemanha (2007).

encontra o seu lugar, dele se apropria e nele, por fim, se integra: “Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo.” (Zumthor, 2009, p.17)

Se o ambiente é composto pelos vestígios da sua própria história (Gregotti, 1985, p.340), tendo em conta a inserção respeitadora na sua envolvente *natural*, a obra arquitectónica deve, de modo semelhante aos factores geológicos que actuam sobre a paisagem, manter-se fiel ao seu contexto e essência, enquanto entidade, que embora transformadora, é também reveladora das características que são intrínsecas à paisagem, independentemente da sua própria configuração. (Ibid. op. cit)

Em análise, a arquitectura de lugar, dita *site-specific*, absorve o seu sítio, elemento primordial e crucial para o seu desenvolvimento, no qual não apenas se insere, mas também, e sobretudo, se enraíza. Da mesma forma que os factores e agentes naturais actuam sobre a paisagem, também a arquitectura, enquanto agente também ele de integração ou transformação, possui a capacidade de alterá-la, explorando entre ambas uma relação essencialmente dialogante. Um projecto de arquitectura não significa exclusivamente a criação de algo novo, mas antes a transformação de algo já existente.

Relembrando as palavras de Álvaro Siza⁷ (Frampton, 2003, p.385), as obras de arquitectura deverão ser compreendidas enquanto fragmentos que, enraizados na especificidade do sítio que ocupam e, naturalmente, do programa, completam a malha existente, “costurando” o novo às pré-existências. O potencial de cada edifício é expresso na sua aptidão de conferir identidade, de ter presença a nível simbólico e de ser capaz de comunicar com a sua envolvente, conciliando todos os aspectos e necessidades que diante dele se coloquem, tratando-se assim de um processo integrador, criador de lugares dentro de um grande lugar global.

Como é característica do espírito de pluralidade que domina a arquitectura dos nossos dias, também as teorias e metodologias que evocam as particularidades de uma arquitectura de contexto se diferenciam. A condição que se eleva é alcançada de diversas maneiras, tendo o arquitecto nas mãos “um trabalho de detective, que procura restabelecer correspondências [...] vitais” (Siza, 1998, p.99) com a arquitectura como veículo que, por sua vez, “não tem sentido a não ser em relação com a natureza” (Ibid. p.34).

Sítio: instrumento operativo de projecto

Em respeito ao pensamento desenvolvido no âmbito da filosofia com aplicabilidade ao estudo da arquitectura, a pesquisa a nível fenomenológico apresenta-se de elevado valor, uma vez que trata, acima de tudo, de descrever fenómenos que apelam directamente à consciência na sua própria dimensão de consciência (Pallasmaa, 1986, p.450), como afirma Juhani Pallasmaa⁸, o que, por outras palavras, “significa ‘puramente olhar para’ o fenómeno, ou ‘observar a sua essência’” (Ibid. loc. cit).

⁷ Álvaro Siza Vieira (n. 1933) é um arquitecto português Foi premiado com o Prémio Mies van de Rohe em 1988, o Prémio Pritzker em 1992, Medalha Alvar Aalto em 1998, entre outros. Nas suas obras incluem-se as Piscinas de Marés de Leça da Palmeira (1966), o bairro de Bouça (1975), o bairro da Malagueira em Évora (1977), Edifícios em Schlesisches Tor, Berlim (1984), o projecto de recuperação do Chiado (1988) em Lisboa, Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves (1999) no Porto, o Pavilhão de Portugal (1998) na Expo'98 de Lisboa, o Museu Galego de Arte Contemporânea (1993) em Santiago de Compostela, a Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre, no Brasil (2008).

⁸ Juhani Pallasmaa (n. 1936), de origem finlandesa, é um arquitecto, professor e teórico de arquitectura. Destacado pelos seus importantes escritos, é autor de *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses* (2005), bem como de *The Thinking Hand* (2009) e co-autor, com Alberto Pérez-Gómez, de *Questions of Perception: Phenomenology and Architecture* (1994).

Se a fenomenologia da arquitectura se fundamenta numa procura da essência das coisas, através de um “[...]’olhar para’ a arquitectura a partir de dentro da consciência que a experimenta [...]” que procura a linguagem interior de um edifício (Ibid. loc. cit.), o primeiro olhar que recai sobre o sítio é também parte fundamental deste processo que a partir daí se desenrola.

Segundo esta perspectiva, poderemos também enquadrar dentro da “consciência que experimenta” a arquitectura, da qual decorre toda a teoria fenomenológica, a consciência que experimenta, numa primeira fase projectual, o sítio no qual nascerá a arquitectura. *Olhar para* o sítio, para a sua própria realidade, dá início a um processo cognitivo que permite o reconhecimento de uma combinação de factores intrínsecos à natureza própria que o constitui, tentando desvendar a arquitectura que o sítio em si procura (Ando, 1991, p.461). Posteriormente, esses factores concorrerão para o desenvolvimento do projecto, impondo-lhe condicionantes e requisitos: a operatividade projectual do sítio.

Ao “olhar longo, paciente e preciso, de descobrir as coisas” (Zumthor, 2009, p.34), a experiência corporal – valorizando a totalidade do corpo e dos sentidos para a percepção do mundo que nos rodeia –, acrescenta uma percepção do sítio mais aprofundada e total, que permitirá fundamentalmente contribuir e responder para uma maior sensibilidade às especificidades do sítio ao longo do processo, permitindo aos autores integrarem “[...] os sítios nas obras através do projecto e vice-versa” (Hipólito, 2002, p.48-49).

Esta “[...] arquitectura como matéria que se concretiza diante dos nossos sentidos sobre o mundo [...]” é a congregação das intenções do arquitecto, que dele se torna independente, numa última fase. É a partir deste momento que o observador integra e completa esta relação, percebendo também, por meio dos sentidos, as obras que, enquanto cenário da sua experiência corporal, se integram no seu sítio (Ibid. loc. cit.).

O papel desempenhado pelo observador permite que, através da comunicação que se estabelece pelo acto de interpretação, possa entender “[...] as estratégias de relação entre a arquitectura e o seu sítio”, uma vez que, tal como observa o autor, “as obras e os sítios são o acontecimento social que reúne sítio, projecto, autor e observador como um todo”. É então possível entender que todos os intervenientes desta relação são coadjuvantes, na “[...] descodificação das estratégias de ancoragem aos sítios por parte das obras de arquitectura”. (Ibid. loc. cit.)

O sítio é caracterizado por inúmeros factores: dos concretos – “as coisas, as pessoas, o ar, ruídos, sons, cores [...]”, a luz, as “[...] presenças materiais, texturas e também formas [...]” (Zumthor, 2009, p.17) – e abstractos, aos visíveis e palpáveis ou meramente figurativos, consequência das memórias que dele emanam, da paisagem natural ou construída e da própria vivência humana que nele decorre. O arquitecto, no acto projectual, explora do sítio “[...] a sua figura, a sua história e as suas qualidades sensoriais” (Zumthor, 2009, p.41).

A metodologia na qual assenta o papel do arquitecto que intervém sobre o sítio pressupõe, à partida, duas atitudes estratégicas perante o modo segundo o qual esta relação se desenvolve: transformação ou integração.

Não obstante, o objectivo último é a procura da harmonia entre o projecto de arquitectura e a sua envolvente. Na verdade, “a criação arquitectónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar” (Rodrigues, 1992, p.9). Neste sentido, a arquitectura deverá ter uma capacidade regeneradora dos sítios onde é implantada. A sensibilidade arquitectónica perante o sítio decorre, fundamentalmente, do quão essencial é ao edifício questionar a sua relação com o entorno que o rodeia. A relação da arquitectura com o sítio é então revelada através da adequação do espaço com a forma.

O carácter único e irrepetível de cada sítio legitima a multiplicidade de soluções e possibilidades perante o problema em mãos. Cada sítio requer, assim, inúmeras soluções, que, agregadas ao programa e à ideia, definem as denominadas estratégias projectuais, pois cada desafio em arquitectura é único; cada um tem o seu sítio e circunstância ou programa em particular (Holl; Pallasmaa; Pérez-Gómez, 2006, p.119).

TRANSFORMAÇÃO

A arquitectura implica, inevitavelmente, um acto de transformação topográfica: construir um edifício – adicioná-lo – à paisagem, subentende, por si só, transformar uma estrutura pré-existente, seja ela natural ou construída, tratando-se, assim, de um processo que permite completar paisagens existentes. De igual modo, o acto de transformação que é, por excelência, a arquitectura, desenvolve-se com base numa série de atitudes projectuais que justificam e fundamentam os meios, sem nenhuma “[...] linguagem estabelecida [...]”, pois trata-se de “[...] uma resposta a um problema concreto, a uma situação de transformação [...]”⁹ (Machabert; Beaudouin, 2008, p.26) na qual o arquitecto participa.

O recurso a estratégias de projecto, embora de carácter transformador, compromete-se a cumprir uma série de preceitos em conformidade com as condicionantes e características impostas pelo sítio. São estas estratégias que definem o modo como o futuro edifício responderá ao seu sítio e, por conseguinte, criará um novo lugar. É este o acto primordial arquitectónico. Tem início a modificação e transformação da paisagem no momento em que a primeira pedra é lançada (Nesbitt, 1996, p.338).

Com efeito, o acto projectual “[...] significa colher informação do sítio [...]”, entendendo assim qual a sua “[...] verdadeira energia [...]” (Nufrio, 2008, p.60), pela intelectualização das particularidades que nele se destacam.

Definir estrategicamente o projecto é, antes de mais, um processo que parte de encontrar e extrair as particulares formais de um sítio, que congregam uma série de factores, dos quais o clima e as características ambientais, a estrutura da cidade que forma o seu pano de fundo, os padrões de vida e costumes das pessoas (Ando, 1991, p.461), procurando perceber de que modo, através da arquitectura, é possível corrigir deficiências ou enfatizar algumas das características, partindo do pressuposto de que nem mesmo a natureza é perfeita.

Deste modo, “[...] projectar em harmonia com a natureza significa simplesmente entender que elemento incomoda no contexto onde devemos operar” (Souto de Moura apud. Nufrio, 2008, p.74). O arquitecto deve “[...] estudá-lo para entender o que não está bem; para melhorá-lo deve acrescentar algo artificial a um lugar totalmente natural [...]” (Ibid. loc. cit.). Assim “[...] neste processo de transformação, podemos chegar a uma obra-prima quando nos damos conta de que já não podemos tirar nada, que tudo se transformou para dar vida a um jogo de equilíbrios inesperados.” (Ibid. loc. cit.) Transformando, revela-se uma consciência de ser parte de um todo pré-existente, de alterar uma parte do sistema para transformar o todo (Gregotti, 1985, p.342).

Independentemente da estratégia tomada, a intervenção arquitectónica cria tensão entre o novo e o existente, dotando o novo com características que se relacionem com toda e cada particularidade da sua envolvente, que se confrontam num diálogo significativo, fomentando, com o decorrer do tempo, uma união do edifício com a própria história e costumes do seu lugar, que o aceita e acolhe.

⁹ Resposta de Álvaro Siza, em entrevista, quando questionado acerca da sua maneira de compor um projecto, designada por Vittorio Gregotti com o termo arquitectura “conjectural”, afirmando que a sua arquitectura não tem nenhuma linguagem preestabelecida.

As estratégias operativas que, partindo do sítio e das suas condicionantes, ajudam o arquitecto a definir o seu *modus operandi* para um determinado projecto, estabelecendo uma analogia, perante o sítio sobre o qual irá actuar e, em função das suas questões programáticas, questiona o futuro edifício sobre aquilo que ele ali quererá ser, sobre o que pretenderá mostrar, ou esconder, ou enfatizar do sítio. Afinal, “[...] um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas opostas, mas nunca sem relação” (Siza Vieira apud Frampton, 1988, p.8).

INTEGRAÇÃO

A integração, enquanto estratégia projectual, nasce de condicionalismos e vontades que colocam as características de um sítio em particular acima de quaisquer imposições arquitectónicas. Se a arquitectura é um agente de transformação, uma arquitectura integrada no seu contexto, promove a criação de um “*continuum* paisagístico” (Sòla-Morales, 1998, p.20), rejeitando interferências com o seu entorno, natural ou construído.

Restituindo ao sítio todas as alterações que, inevitavelmente, possam ter sido levadas a cabo, não se sobrepõe ao existente, subjugando-se às suas características. A integração é plena: o edifício torna-se parte integrante do sítio, quase como se nada ali tivesse sido alterado – a sua tarefa é modificar a superfície da terra tal como se dela cuidasse (Frampton, 1995, p.27).

Elucidativo neste contexto é compreender a evolução desta estratégia ao longo da própria história da arquitectura: a fervorosa adoração religiosa, espelhando na natureza o exemplo máximo da perfeição divina, resumia a produção arquitectónica a um mero instrumento condicionado pela estética e pelos desígnios da religião – e todos os factores que comportava – “[...] segundo a qual a natureza é perfeita e por isso deve ser simplesmente copiada” (Nufrio, 2008, p.74).

A plena integração na natureza é clara em exemplos históricos como o anfiteatro de Delfos, na Grécia ou o templo funerário da rainha Hatshepsut, em Deir el-Bahri, no Egipto. Este último, construído no complexo funerário de Tebas, criou a necessidade adicional de demonstrar respeito aos deuses, num templo que, em honra das divindades, se fundisse com o terreno rochoso, como se edifício fosse um prolongamento da própria natureza (Kostof, 1995, p.79).

Na presente era contemporânea, adoptar uma estratégia de integração arquitectónica parte, acima de tudo, de assegurar a integridade da paisagem e topografia, expressando o desejo de preservar a sua realidade (entenda-se paisagem no seu sentido lato e não exclusivamente referente a algo natural), manifestando-se nestas propostas que, embora condicionadas por estes factores, deles partem e resultam, articulando-se entre si. A estratégia promove uma arquitectura que pareça quase natural, como se brotasse da paisagem, muito à semelhança da arquitectura orgânica, (Wright, 1910, p.91), na qual “é completamente impossível abordar separadamente o edifício, a sua organização, o terreno e a paisagem”, pois, na verdade, “[...] todos estes elementos funcionam como um todo [...]” (Ibid. loc. cit.) na ideia de concepção do edifício.

O edifício coerente com a essência do seu sítio, dos mais pequenos detalhes que o constituem, com a inevitável passagem do tempo, será aceite naturalmente pelo espaço envolvente, e com todas as alterações que sofrerá daí decorrentes. A ideia não é, no entanto, que a arquitectura se “dissolva” na paisagem, mas sim que esta sirva de material projectual para o seu desenvolvimento.

Os princípios basilares à adequação e integração da arquitectura no seu sítio remetem essencialmente para o respeito perante as pré-existências que o constituem, da topografia, aos

elementos arquitectónico, acomodando-se sensivelmente às condições que se apresentam. A arquitectura deverá, com profunda consciência perante o sítio, permitir a interpenetração sensível e natural das técnicas e materiais modernos e com formas e materiais locais reinterpretados, evocando, em alguns casos, memórias que transpõem para a tradição de cada local. (Frampton, 2003, p.381-394)

Relembramos, como exemplo, a Casa Malaparte (1938-1942), que tal como um santuário minúsculo, irrompe do mar (Chatwin, 1984, p.9), construindo um novo promontório sobre a escarpa existente, na ilha italiana de Capri. Aqui, a casa – projecto de Libera¹⁰ –, seguindo os contornos naturais da rocha, a ela se assemelha: apesar da sua austera geometria, é quase invisível na paisagem na qual se insere, tratando-se de uma obra que embora “radicalmente moderna e autónoma [...] reinterpreta a condição irrepitível do lugar” (Montaner, 1999, p.37). A modificação necessária que a paisagem sofre por via da arquitectura estabelece o acto simbólico original de fazer contacto com a terra, o ambiente físico, com a ideia da natureza como uma totalidade (Gregotti, 1985, p.342).

Na esfera da arquitectura portuguesa, diversos são os exemplos que manifestam claramente esta estratégia. Com efeito, a obra dos arquitectos Eduardo Souto de Moura e Álvaro Siza – para mencionar apenas dois – é plena de projectos que ilustram a integração da arquitectura na paisagem, sensível às especificidades do sítio. A arquitectura destes autores deve ser compreendida com base no seu efeito directo na natureza, pois é esta a sua essência e a sua razão de ser (Blaser, 2003, p.85), estabelecendo, através da forma arquitectónica, a união com as características do sítio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de se tratar de um conceito que se tem vindo a manifestar no decorrer dos séculos, quer no campo da arquitectura, da arte ou das ciências do pensamento, o sítio enquanto instrumento de projecto, tem vindo a tratar-se de um mecanismo com maior profusão na produção arquitectónica dos últimos decénios do século XX em diante.

O último século foi palco de uma intensa reflexão plena de contrariedades relativamente às alterações no que respeita ao modo de pensar e de agir que, invariavelmente, afectam todos os campos da sociedade. O modernismo mostrou-se inócuo na sua relação com o homem e com o meio, cujos ortodoxos princípios ditados pela pureza geométrica e pelo dogmatismo se fundaram exclusivamente na criação da forma.

Produto das faculdades potenciadas pelas inovações tecnológicas neste século, e em grande parte associado ao surgimento de novas técnicas e materiais, este movimento de estética mecanicista apoiou-se, sobretudo, na glorificação dos alcances da ciência, e a arquitectura, sem excepção, sob o signo de um estilo universal de aplicabilidade global e indiscriminada, regeu-se sobre estes princípios, que rejeitando a tradição e a história, conseqüentemente alienaram a importância que o homem e o sítio exercem no pensamento arquitectónico.

Podemos, contudo, afirmar que o momento que se seguiu proferiu um retorno à centralidade do homem como foco da produção arquitectónica que, não negligenciando os avanços obtidos, preconizou a disseminação de uma indubitável volta na arquitectura e protagonizaram um repensar da arquitectura que nos dias de hoje se manifesta.

10 Adalberto Libera (1903-1963) foi um arquitecto italiano, originário da região do Tirol, no norte da Itália. É um dos nomes que fizeram parte do movimento moderno italiano. É autor do Palácios dos Congressos para a Exposição Universal de Roma (1930), unidades de habitação em Cagliari (1953), entre outros.

Na compreensão dos factos preconizados pela história jaz inequivocamente o interesse e, porventura, a explicitação das razões por detrás dos resultados do presente. Como sabemos, qualquer acção conduz a uma reacção. Regra básica científica, é porém comumente predominante em quaisquer actividades humanas. Assim, da interpretação do passado através dos acontecimentos históricos, conseguimos obter respostas operativas no que respeita às sistematizações de constantes e às soluções por vezes antagónicas que se revelam no presente.

O sítio como tema e instrumento projectual apresenta-se, em consequência, como uma resposta decisiva ao dogmatismo modernista que transformou a arquitectura em utopias idealizadas pelos defensores da causa. Efectivamente, a construção do lugar deverá ser perpetuada pela arquitectura como o seu derradeiro propósito, uma vez que é nele que se desenrola o habitar do homem sobre a terra, é ele que revela e define o carácter identitário da sua existência.

A envolvimento dos sentidos como fonte da percepção exerce no processo um importantíssimo contributo, no entendimento dos inúmeros factores que compõem um determinado sítio, que o arquitecto deverá, acima de tudo, perceber, estudar e interpretar, na procura da harmonia entre o projecto arquitectónico e a sua envolvente física e sensorial. Um edifício, que por excelência transforma a paisagem, deverá, em suma, congrega em si a capacidade de, ao questionar a sua relação contextual, ser sensível às características e especificidades do sítio.

Os condicionalismos colocados pelos inúmeros factores que constituem e caracterizam o ambiente urbano conferem ao projecto de arquitectura um maior leque de alternativas. Aumentando proporcionalmente as condicionantes, a matéria projectual consagrada pelo sítio igualmente sofre um incremento, podendo dela extrair mais características às quais o projecto responderá, pela sua capacidade de tornar os condicionalismos “[...] no tema central, em volta do qual se constitui a obra” (Tostões, 1997, p.183).

Desempenhar uma ancoragem mais forte e marcante do edifício ao sítio, fundamenta-se, como anteriormente referido, na sua riqueza material característica. O projecto que actua sobre o sítio cose as pré-existências e torna-se num novo foco de interesse, pelas suas qualidades intrínsecas que o ligam ao sítio e não como um mero objecto iconográfico sem qualquer relação com o entorno.

O sentido de pertença que emana de projectos que nitidamente assumiram o sítio como instrumento operativo no seu desenvolvimento é inequívoco. Assim, são edifícios cuja existência é quase natural. Torna-se, assim, o reflexo da imaginação do arquitecto, que nasce da sua apropriação enquanto matéria de projecto, no qual o autor busca a inspiração e as respostas conclusivas ao desenvolvimento da sua obra.

Só a arquitectura que nasce do sítio com ele se faz lugar.

BIBLIOGRAFIA

- ANDO, Tadao (1991) – *Toward new horizons in architecture*. In NESBITT, Kate, ed. (1996) – Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965-1995. 1.ª ed. Nova Iorque: Princeton Architectural Press. p. 456-461.
- BLASER, Werner (2003) – Eduardo Souto de Moura: stein, element, stone. Trad. Adam Blauhut. Basileia: Birkhäuser.
- CHATWIN, Bruce (1984) – *Casa Malaparte*. In Casabella. Milão. ISSN 0008-7181. 648 (1997) 6-11.
- FRAMPTON, Kenneth [et al.] (1988) – Álvaro Siza: profissão poética. Trad. Acolinda F. de Barros

- Monteiro, José Coutinhas, Germano de Castro Pinheiro. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- FRAMPTON, Kenneth (1995) – Studies in tectonic culture: the poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture. Cambridge, Massachusetts; Londres: The MIT Press.
- FRAMPTON, Kenneth (2003) – História crítica da arquitetura moderna. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.
- GREGOTTI, Vittorio (1985) – Territory and architecture. In NESBITT, Kate, ed. (1996) – Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965-1995. 1.ª ed. Nova Iorque: Princeton Architectural Press. p. 338-344.
- HIPÓLITO, Fernando (2011) – Sítio, projecto e arquitectura: para uma descoberta do fazer e do ler projectos de arquitectura. Cascais: Trueteam.
- HOLL, Steven (1996) – Intertwining. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.
- HOLL, Steven; PALLASMAA, Juhani; PÉREZ-GÓMEZ, Alberto (2006) – Questions of perception: phenomenology of architecture. São Francisco: William Stout Publishers.
- KOSTOF, Spiro (1995) – A history of architecture: settings and rituals. 2.ª ed. Nova Iorque: Oxford University Press.
- MACHABERT, Dominique; BEAUDOUIN, Laurent (2008) – Álvaro Siza: uma questão de medida. 1.ª ed. Trad. Vera Cabrita. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- MONTANER, Josep Maria (1999) – La modernidad superada. 3.ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- MUNTAÑOLA, Josep (1974) – La arquitectura como lugar: aspectos preliminares de una epistemología de la arquitectura – Colección Arquitectura e Crítica. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- NESBITT, Kate, ed. (1996) – Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965-1995. 1.ª ed. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1980) – Genius loci: towards a phenomenology of architecture. Nova Iorque: Rizzoli.
- NUFRIO, Anna (2008) – Eduardo Souto de Moura: conversas com estudantes. Trad. Daniela Maissa. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- PALLASMAA, Juhani (1986) – The geometry of feeling: a look at the phenomenology of architecture. In NESBITT, Kate, ed. (1996) – Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965-1995. 1.ª ed. Nova Iorque: Princeton Architectural Press. p. 447-453.
- RAQUEJO, Tonia (2008) – Land Art. 4.ª ed. Donostia-San Sebastián: Editorial Nerea.
- RODRIGUES, António Jacinto (1992) – Álvaro Siza: obra e método. 1.ª ed. Porto: Civilização.
- ROTH, Leland M. (1993) – Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado. 1.ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- SIZA VIEIRA, Álvaro; MURO SOLER, Carles (1996) – Álvaro Siza: Escrits. Barcelona: Ediciones UPC. Coleção Aula Politécnica: aula d'arquitectura.
- SIZA, Álvaro (1998) – Imaginar a evidência. Trad. Soares da Costa. Lisboa: Edições 70.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de (1998) – Diferencias. topografía de la arquitectura contemporánea. 3.ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- TOSTÕES, Ana (1997) – Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50. 2.ª ed. Porto: FAUP publicações.
- WRIGHT, Frank Lloyd (1910) – A arquitectura orgânica [excerto]. In RODRIGUES, José Manuel; TOSTÕES, Ana [et al.] (2010) – Teoria e crítica de arquitectura: século XX. 1.ª ed. Trad. Ana Bicho [et al.]. Ordem dos Arquitectos: Lisboa; Caleidoscópio: Casal de Cambra. p. 91.
- ZUMTHOR, Peter (2009) – Pensar a arquitectura. 2.ª ed. ampliada. Trad. Astrid Grabow. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

FILIPA DA SILVA CORREIA SARAIVA

Filipa Saraiva (n. 1987), Lisboa. Arquitecta. Grau de mestrado integrado pela Universidade Lusíada de Lisboa (2012); Accademia di Architettura - Università della Svizzera Italiana, Mendrisio, Suíça (2009-2010).